

O PENSAMENTO ECONÔMICO DE DILMA



Publicado: 16 Novembro 2016

Twitter

Aquele 1º de janeiro, embalada por situação inédita da economia, estava convicta: “Vivemos um dos melhores momentos da vida nacional, milhões de empregos estão sendo criados, nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do Fundo Monetário Internacional.” Chegara a hora de mudar, transformar o país, torná-lo exemplo mundial, fazê-lo fonte de admiração global. Reconhecia, a contragosto, que “um governo se alicerça no acúmulo de conquistas da história”; lembrava, apenas a título de breve ilustração, que às conquistas do Brasil de hoje”. No entanto, enchia o peito: “Reduzimos, sobretudo, a nossa dívida social, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançar a classe média.”



Naquele 2011, com o mundo em crise e países maduros apodrecendo devido às dificuldades de reorientar a política econômica em ambiente turvo, Dilma disse para si mesma que faria diferente no Brasil: “É com crescimento, associada a fortes programas sociais, que venceremos a desigualdade da renda e do desenvolvimento.” Austeridade? Austeridade leva à recessão, ao desemprego, à redução da renda do trabalhador. É receita ultrapassada, que de nada serve. Tenho plano ousado, inovado, pensou ela. “Isso significa - reitero - manter a estabilidade econômica como valor. Já faz parte, aliás, da nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que essa praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres.”

Para executar um plano ambicioso, ela contava com sua própria sabedoria. Afinal, a presidente - essa presidenta - não tinha uma formação qualquer. Era economista, capaz de ser sua própria ministra da Fazenda, se preciso: sua própria presidente - presidenta - do Banco Central, se necessário. “Continuaremos fortalecendo nossas reservas externas para garantir o equilíbrio das contas externas, bloquear e impedir a vulnerabilidade externa.”

Dilma chegou à presidência com o Brasil nas mãos e uma ideia fixa na cabeça: reformular tudo. “O investimento público é essencial como indutor do investimento privado e como instrumento de desenvolvimento regional. O PAC [Programa de Aceleração do Crescimento] continuará sendo um instrumento de coesão da ação governamental e coordenação voluntária dos investimentos estruturais dos estados e municípios. Será também vetor de incentivo ao investimento privado, valorizando todas as iniciativas de constituição de fundos privados de longo prazo.” Nada disso se concretizaria, infelizmente. A taxa de investimento da economia brasileira passaria por inexorável declínio em túnel escuro que culminaria no monstruoso escândalo de corrupção da Petrobras, envolvendo boa parte das empreiteiras responsáveis por executar as obras do PAC.

Sobre a Petrobras, a presidente afirmou: “O pré-sal é nosso passaporte para o futuro, mas só o será plenamente, queridas brasileiras e queridos brasileiros, se produzir uma síntese equilibrada de avanço tecnológico, avanço social e cuidado ambiental. A sua própria descoberta é resultado do avanço tecnológico brasileiro e de uma moderna política de investimentos em pesquisa e inovação. Seu desenvolvimento será fator de valorização da empresa nacional e seus investimentos serão geradores de milhares de novos empregos. O grande agente dessa política foi e é a Petrobras, símbolo histórico da soberania brasileira na produção energética de petróleo.” Pobre Petrobras!

Dilma queria ser lembrada como aquela que fora capaz de soltar o Brasil, de uma vez por todas, das amarras que impediam o avanço: “Muita coisa melhorou no nosso país, mas estamos vivendo apenas o início de uma nova era, o despertar de um novo Brasil”. Recorro a um poeta [Guimarães Rosa] da minha terra natal. Ele diz: “O que tem de ser tem muita força, tem uma força enorme.” Eis as derradeiras palavras de seu discurso de posse, símbolo de seu afastamento cinco anos mais tarde: “o que tem de ser tem muita força, força enorme”.

Os seis parágrafos acima são de Mônica Baumgarten de Bolle e foram retirados da parte introdutória do livro “Como matar a borboleta-azul: uma crônica da era Dilma”. Mônica (brasileira e economista) escreve em 268 páginas a história de Dilma e sua vontade de querer mudar o Brasil enquanto esteve ocupando o cargo de Presidente (Presidenta) da República Federativa do Brasil.

Os resultados da utilização por Dilma das fórmulas tresloucadas, todos nós conhecemos e estamos vivenciando, são as quebradeiras dos estados (ex.: Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul). As consequências ainda são mais traumáticas quando vemos as previdências estaduais insolventes, falidas e outras na antessala da miséria. Inflação, juros, alavancagem extrema das famílias, indústrias e comércio, funcionários públicos recebendo seus salários em sete parcelas (Rio de Janeiro), zero de investimento privado, luz nas alturas e etc..., são os outros resultados de que Dilma nunca entendeu de economia.

A economista não soube manter a estabilidade conquistada pelos brasileiros nos últimos 20 anos. O defeito de Dilma foi ser ao mesmo tempo presidente (presidenta) do Brasil, ministra da Fazenda, presidente do Banco Central do Brasil e a única detentora do conhecimento econômico para criar a oitava maravilha do mundo: a Nova Matriz Econômica. Bem, os efeitos da Nova Matriz Econômica sobram para os universitários (eu e você)!!!

Marco Antonio Mourão de Oliveira, 40, é advogado, especialista em Direito Tributário pela Universidade de Uberaba-MG e Finanças pela Fundação Dom Cabral-MG.

Escrito por Marco Antonio Mourão de Oliveira

ARTIGOS RELACIONADOS :

- > [10 propostas para novos tributos](#)
- > [A agenda de um eventual governo ...](#)

- > [A Aleac e seu compromisso com a ...](#)
- > [A bela resignada](#)
- > [A culpa é do Maradona](#)